

# *resenha escolhida - 1º lugar*

Pseudônimo: Leandro Batista Pinto

## Delirante Panamérica

**Carlos Henrique Bento**

*Mestrando em Estudos Literários*

Em seu livro *Se um viajante numa noite de inverno...*, Ítalo Calvino aproveita a entrada de uma personagem em uma livraria para listar uma série de categorias em que os livros poderiam se agrupar. Entre elas estariam a categoria dos Livros Que Você Não Leu, os Livros cuja leitura é dispensável, os Livros Para Outros Usos Que Não a Leitura, os Livros Já Lidos Sem Que Seja Necessário Abri-los, os Livros Já Lidos Antes Mesmo de Terem Sido Escritos, aqueles Livros Que, Se Você Tivesse Mais Vidas Para Viver, Certamente Leria De Boa Vontade, Mas Infelizmente Os Dias Que Lhe Restam Para Viver Não São Tantos Assim, os Livros Que Tem A Intenção De Ler Mas Antes Deve Ler Outros.

A longa lista pensada pelo autor inclui ainda o grupo dos Livros Que Todo Mundo Leu E É Como Se Você Também Os Tivesse Lido, os Livros Que Há Tempos Você Pretende Ler, os Livros Que Procurou Durante Vários Anos Sem Ter Encontrado, os Livros Que Deseja Adquirir Para Ter Por Perto Em Qualquer Circunstância, os Livros Que Gostaria De Separar Para Ler Neste Verão, os Livros Que Lhe Faltam Para Colocar Ao Lado De Outros Em Sua estante, e assim por diante, com outras classificações que, somadas a essas, ocupam mais de uma página logo no começo do livro.

Dentre as classificações propostas por Calvino, certamente qualquer leitor poderia se reconhecer, por meio da experiência proporcionada por alguma

leitura que tenha feito. Ao lê-las, penso em qual delas poderia ser enquadrado o livro *Panamérica*, do escritor José Agrippino de Paula, que teve sua terceira edição lançada no ano passado, passados mais de trinta anos desde que apareceu pela primeira vez, em 1967. O lançamento marcou a estréia de uma nova editora paulistana, chamada Papagaio, e obteve ampla projeção na imprensa de grande circulação, com matérias ocupando espaços generosos em importantes jornais e revistas, como *Veja*, *IstoÉ*, *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo*, *Correio Braziliense* e muitos outros.

A verdade é que, desde que foi lançado, o livro prestou-se a ocupar um espaço cativo nas estantes de importantes intelectuais e artistas, como Caetano Veloso, Jô Soares, Sérgio Santana e Carlos Heitor Cony, sem jamais ter conseguido chegar ao grande público. No entanto, a maioria das pessoas já ouviu falar do livro, talvez sem saber, por meio de citações como a contida na música *Sampa*, de Caetano Veloso, no verso que diz “Panaméricas de Áfricas utópicas”. A dificuldade de penetração que o livro encontra junto ao grande público se deve à própria temática escolhida pelo autor, bem como ao tratamento a ela dispensado. Nisto consiste a dificuldade de se compreender o livro, mas também o fascínio que ele provoca em seus leitores ilustres. Em uma matéria publicada no Caderno B do *Jornal do Brasil*, em maio de 2001, Sérgio Rodrigues atenta para esse fato e propõe um lugar para *Panamérica*, complementando, involuntariamente, as categorias pensadas por Calvino: “*Panamérica* não faz a menor concessão ao leitor. É isso que o torna tão fascinante. Mas é também o que o torna obscuro, aparentemente destinado àquela prateleira maldita em que repousam livros difíceis de definir, esnobados pela crítica acadêmica e cultuados por leitores tão escassos quanto fiéis, onde figuram nomes como Antonio Fraga e Campos de Carvalho. Uma prateleira da qual nenhum país de literatura saudável pode abrir mão, mesmo que só a conheça por meio de uma canção popular”

*Panamérica* estaria então entre os Livros Difíceis De Definir, Esnobados Pela Crítica Acadêmica E Cultuados Por Leitores Tão Escassos Quanto Fiéis. Uma categoria esquecida por Calvino.

O autor José Agrippino de Paula nasceu em São Paulo e formou-se em arquitetura pela USP no início dos anos sessenta. Começou a carreira literária com o romance *Lugar Público*, lançado em 1965 pela editora Civilização Brasileira. O livro trazia na orelha um texto de Carlos Heitor Cony, em que elogiava o autor estreante, buscando na literatura francesa autores com quem

compará-lo, como Robbie-Grillet. Em 1967 publica *Panamérica* pela editora Tridente. Em 1988 *Panamérica* é reeditado pela extinta Max Limonad, e volta às estantes em 2001, como já citado. Em 1968 o autor lança um roteiro para um show teatral, uma espécie de happening, em inglês, chamado *United Nations*. A obra é lançada em edição mimeografada e não foi publicada em livro até o momento. A partir daí o autor faz incursões pelo cinema e teatro. Monta trechos de *United Nations* junto com a então esposa, a bailarina paulista Maria Esther Stockler, um espetáculo intitulado *Rito do Amor Selvagem*. Filma o *longa Hitler Terceiro Mundo*, que contou com personalidades como Jô Soares no elenco. Dirige o musical *Planeta dos Mutantes*, do grupo Mutantes. Viaja com a esposa para a África e Nova York e quando retornam ao Brasil refugiam-se em uma aldeia hippie nos arredores de Salvador. Em 1980, em crise, o autor recebe o diagnóstico de esquizofrenia. Vai morar em Embu das Artes, cidadezinha da grande São Paulo, onde vive até hoje, em condições bastante precárias, misturando momentos de lucidez e delírio.

Entre seus trabalhos, *Panamérica* é considerado a obra-prima. O livro traz o subtítulo “epopéia”. Trata-se de um longo relato das peripécias vividas e/ou observadas por um narrador em primeira pessoa que começa o livro se dizendo diretor de cinema em Hollywood, filmando uma superprodução chamada *A Bíblia*. Pouco adiante o narrador desloca-se para a América Latina e assume a personalidade de um soldado guerrilheiro, que se desloca por vários países latino-americanos sem qualquer problema com fronteiras. Ao final presencia a desintegração da terra, que se transforma em um amontoado de entulhos urbanos vagando pelo espaço. O relato é longo, dividido em blocos de texto contínuos, sem parágrafos. A linguagem é repetitiva, e denuncia a saturação signíca levada a cabo pelos *mass-media*. As personagens ostentam nomes de grandes personalidades de diversos contextos: história, religião, política e, principalmente, o cinema hollywoodiano. Estão lá Marlon Brando, Harpo Marx, o general francês Charles DeGaulle e, especialmente, Marilyn Monroe, com quem o narrador vive um sem número de tórridas aventuras sexuais. Trata-se de um texto antenado com as principais questões da época em que foi escrito, como o imperialismo norte-americano, o regime ditatorial, a resistência pela guerrilha, a invasão da cultura de massas, o pop. Um texto altamente imagético e delirante, em que anjos travam batalhas com arraiais voadoras gigantes, que explodem ao cair na praia sobre a qual a batalha se desenvolve. Um texto em que um automóvel Jaguar adquire asas de repente e alça vôo, sobrevoando o mar. Um fluxo de imaginação e criatividade

sem limites, que conquistou para Agrippino a admiração de personalidades importantes e garantiu-lhe destaque em relatos como o livro *Verdade Tropical*, de Caetano Veloso. Uma obra que, por sua grandiosidade difícil de compreender, justifica a existência de uma categoria de livros para o abrigar.

## Refrências bibliográficas

BENTO, Carlos Henrique. *Os anos sessenta em Panamérica, de José Agrippino de Paula: pop, guerrilha, performance*. BH: FALE/UFMG, 2002. (Dissertação de Mestrado)

CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

*Jornal do Brasil*. Caderno B. Rio de Janeiro, 17 de maio de 2001.

PAULA, José Agrippino de. *Panamérica*. São Paulo: Editora Papagaio, 2001.

\_\_\_\_\_. *The United Nations*. Rio de Janeiro: s.d.c., 1968. (mimeog.)

\_\_\_\_\_. *Lugar Público*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.